

O comércio musical em livrarias, armazéns de variedades e lojas especializadas no Brasil Oitocentista (1808-1822)¹

Humberto Amorim²

Universidade Federal do Rio de Janeiro | Brasil

Fundação Biblioteca Nacional | Brasil

Resumo: O artigo pauta três categorias de comércio musical praticadas nas primeiras décadas do século XIX (1808-1822) no Rio de Janeiro e em Salvador: 1) *Livrarias*; 2) *Lojas de variedades*; 3) *Lojas musicais*. O recorte temporal é dado por dois eventos que marcam irremediavelmente a dinâmica sociocultural brasileira: a chegada da Família Real portuguesa e a subsequente criação da Imprensa Régia (1808) e a Proclamação da Independência (1822). O objetivo é o de identificar e distinguir cada uma das categorias mencionadas, identificando, com isso, possíveis características do comércio musical brasileiro do período. Para tanto, são apresentados e analisados 58 anúncios (parte dos quais inéditos) retirados dos pioneiros periódicos *Gazeta do Rio de Janeiro* e *Idade d'Ouro*, cujos conteúdos são cruzados com alguns dos dados disponíveis na bibliografia brasileira sobre o tema.

Palavras-chave: Imprensa luso-brasileira. Anúncios musicais em Jornais. Comércio Musical. Música no Brasil do Século XIX.

¹ *The music trade in bookstores, multi-item stores and music stores in the first decades of the Nineteenth century in Brazil*. Submetido em 01/07/2017. Aprovado em: 07/09/2017.

² Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) desde 2007 e Pesquisador-residente da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) no interstício 2015-2017. Doutor em Musicologia, Mestre em Práticas Interpretativas, possui ainda três graduações na área musical, além de ter obtido o Mástér em violão clássico pela Universidade de Alicante (ESP). Já realizou concertos, palestras e lançamentos em 13 países e publicou um DVD e dois livros pela Academia Brasileira de Música: Tacuchian por Humberto Amorim (2015), Ricardo Tacuchian e o Violão (2014) e Heitor Villa-Lobos e o Violão (2009), este último considerado pela crítica “a maior pesquisa já realizada sobre o assunto no Brasil” (Revista Violão Pro, 2009), “um estudo minucioso” (Revista Concerto, 2010) e “leitura obrigatória para quem quiser entender a obra do compositor para o instrumento” (Jornal da AV-Rio, 2010). E-mail: humberto-amorim@hotmail.com

Abstract: The article lists three categories of music trade practiced in the first decades of the Eighteenth century in Brazil: 1) Bookstores; 2) Multi-item stores; 3) Music stores. The temporal lapse is given by two events that irremediably mark the Brazilian sociocultural dynamics: the arrival of the Portuguese Royal Family and the subsequent creation of the Royal Press (1808) and the Proclamation of Independence (1822). The objective is to characterize and distinguish each one of the mentioned categories, identifying, with this, possible topographies of the Brazilian musical trade of the period. To achieve this, are presented and analyzed more than 50 announcements (part of which are unpublished) taken from the periodical pioneers *Gazeta do Rio de Janeiro* and *Idade d'Ouro*, whose contents are crossed with some of the data available in the Brazilian bibliography on the subject.

Keywords: Portuguese-Brazilian Press. Musical ads in newspapers. Musical trading. Music in Brazil in the 19th Century.

* * *

Inicialmente, é preciso pontuar que, embora o título do artigo aponte para um mapeamento do objeto de estudo nos primeiros decênios do Brasil Oitocentista, os dados coletados e apresentados concentram-se fundamentalmente em duas cidades: Rio de Janeiro e Salvador. Tal limitação se impõe pelo fato de que são justamente nestas duas localidades que passam a operar os dois periódicos primeiro publicados no Brasil - a *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808-1822) e o *Idade d'Ouro* (1811-1823).

Nas duas primeiras décadas do século XIX, portanto, estes são os lugares possíveis para se investigar o tema a partir de fontes publicadas em jornais, o propósito central deste artigo. Contudo, a par da importância do mapeamento do cenário em duas importantes cidades luso-brasileiras do período, reconhecemos que tal fato não pode ser tomado como realidade empírica para as demais regiões, em que eventualmente nem sequer havia, naquele momento, qualquer espécie de comércio musical nos moldes que serão apresentados. Optamos por manter o título por um único motivo: nas décadas seguintes (entre 1820 e 1850), as mesmas características e dinâmicas de comércio musical aqui perscrutadas foram também observadas em periódicos de outras províncias imperiais, tais como Ceará, Maranhão, Sergipe, Paraíba, Goiás, Pará, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, entre outras, configurando-se, portanto, em dinâmicas comerciais que não ficaram restritas a um ou dois pontos geográficos específicos. Pelo contrário, os modelos estabelecidos inicialmente no Rio de Janeiro e em Salvador acabaram por se disseminar em diversos locais, ganhando idiossincrasias regionais, mas mantendo, de modo geral, as modalidades de negociação que aqui serão categorizadas e

analisadas.

Os jornais mencionados - a *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808-1822) e o *Idade d'Ouro* (1811-1823) - são as publicações que nos permitem visualizar, sob o viés conformador do Estado, parte das práticas musicais que ocorreram em território brasileiro nas primeiras décadas do século XIX. O *Correio Braziliense* (1808-1822), que completa a trinca de nossos jornais inaugurais, teve um papel menos decisivo neste sentido, uma vez que foi publicado em Londres e com periodicidade mensal, fatores que limitavam a sua capacidade de veicular notícias relacionadas ao dia a dia da América Portuguesa.

O mapeamento e seleção das fontes foi realizado majoritariamente através da Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Todavia, em função das limitações do programa de Reconhecimento Óptico de Caracteres (*Optical Character Recognition/ OCR*), que acaba por eventualmente não identificar palavras semiapagadas e/ou de difícil leitura (muito comuns em periódicos do período), além de variações ortográficas, de fontes e de diagramação (como vocábulos separados com hífen pela tabulação das páginas), optou-se por realizar a leitura individualizada de cada exemplar dos jornais pioneiros investigados, sobretudo a *Gazeta do Rio de Janeiro* e o *Idade d'Ouro do Brazil*. Com isso, conseguimos somar um significativo número de incidências que não seriam possíveis de suscitar valendo-se apenas da busca textual nos arquivos digitalizados.

As incidências musicais inseridas nesta dupla de periódicos pioneiros foram alocadas de acordo com as divisões de sua estrutura formal, geralmente delineada em quatro páginas: nas três primeiras, quando mencionada, a música foi habitualmente inserida na descrição de eventos sociais, religiosos e/ou políticos relacionados à vida da Corte, suas capitânicas, comarcas e vilas, com ênfase nos ritos de passagem da Família Real portuguesa ou em celebrações de naturezas diversas que também respondiam aos interesses do reino e seus representantes. Tais exemplos demonstram como a imprensa se tornara uma porta-voz informal da monarquia, projetando modelos de narração galgados na prerrogativa do *encômio alegórico*.

Por outro lado, uma série de ocorrências musicais conseguiram escapar a tal lógica e estão comumente concentradas na quarta e última página destes periódicos primevos, na qual publicava-se os movimentos de entrada e saída dos portos e, sobretudo, uma seção de anúncios diversos. São justamente os reclames noticiados neste segmento que nos permitem reconhecer parte, pelo menos, das dinâmicas que marcaram o comércio musical brasileiro do período, especialmente no Rio de Janeiro e na Bahia, cidades-berços de nossos primeiros jornais.

Em estudo anterior (AMORIM, 2017), propusemos a divisão do comércio musical das primeiras décadas do Brasil Oitocentista em seis distintas categorias: 1) *anúncios particulares*; 2) *Leilões*; 3) *Venda de rifas*; 4) *Livrarias*; 5) *Lojas de variedades*; 6) *Lojas musicais*. Na mesma publicação, apresentamos e analisamos as ocorrências relativas aos três primeiros grupos. Neste artigo, completaremos a série

esmiuçando os exemplos de negociações musicais ilustradas na trinca restante:

1) *Livrarias*, que vendiam sobretudo partituras e métodos;

2) *Lojas de variedades*, que incluíam instrumentos, partituras e/ou artefatos musicais dentre os produtos comercializados. Nos anúncios, eram eventualmente chamadas de armazéns, bazares, escritórios, etc.;

3) *Lojas musicais*, nas quais eram exclusivos ou predominavam os objetos de música.

A partir dos reclames levantados entre 1808 (chegada da Família Real e criação da Imprensa Régia) e 1822 (Proclamação da Independência), o objetivo do artigo é o de caracterizar e distinguir cada uma das três modalidades supracitadas, identificando, com isso, possíveis dinâmicas - particulares e gerais - do comércio musical brasileiro nas primeiras décadas do século XIX, uma tarefa premente, já que, à exceção de Pereira (2012; 2013), poucos estudos têm se aprofundado especificamente sobre o tema na musicologia brasileira.

1. *Livrarias e lojas afins*

No Brasil, artefatos musicais foram recorrentemente comercializados em livrarias a partir da década de 1810, especialmente métodos, cordas e partituras para instrumentos. O primeiro anúncio do gênero coletado na imprensa luso-brasileira ocorre na edição da *Gazeta do Rio de Janeiro* de 13 de agosto de 1814, quando Manoel Joaquim da Silva Porto, proprietário de uma loja de livros na Rua da Quitanda esquina com S. Pedro, anuncia que realizava encomendas de “música de qualquer qualidade que seja”, o que o comerciante prometia “fazer com brevidade” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1814a).

Este exemplo marca a ocorrência inaugural de um estabelecimento comercial oferecendo de maneira mais ampla o serviço de importação de partituras. Até então, os periódicos luso-brasileiros só haviam captado repertórios específicos e pontuais (como as *Seis Sonatas para Guitarra* de António da Silva Leite, em 1811). Contudo, é preciso pontuar que a loja de Silva Porto não importava ou vendia exclusivamente artigos musicais, mas publicações das mais variadas áreas, especialmente livros de Medicina, Direito e assuntos relacionados às guerras, além de subscrições para o recebimento do *Jornal de Coimbra* (ao preço de 4.000 réis). Ao todo, recolhemos 16 outros anúncios vinculados a este nome e endereço, nos quais tais publicações (ou afins) são alardeadas. Tratava-se de uma livraria que, dentre os itens anunciados, incluía material musical.

Estabelecimentos como este se tornaram comuns a partir dos anos seguintes, quando lojas de livros passam a incluir reiteradamente partituras, cordas e métodos para instrumentos em seus catálogos. No Brasil das duas primeiras décadas Oitocentistas, o exemplo mais significativo é certamente o publicado no periódico baiano *Idade d'Ouro* em 29 de junho de 1819:

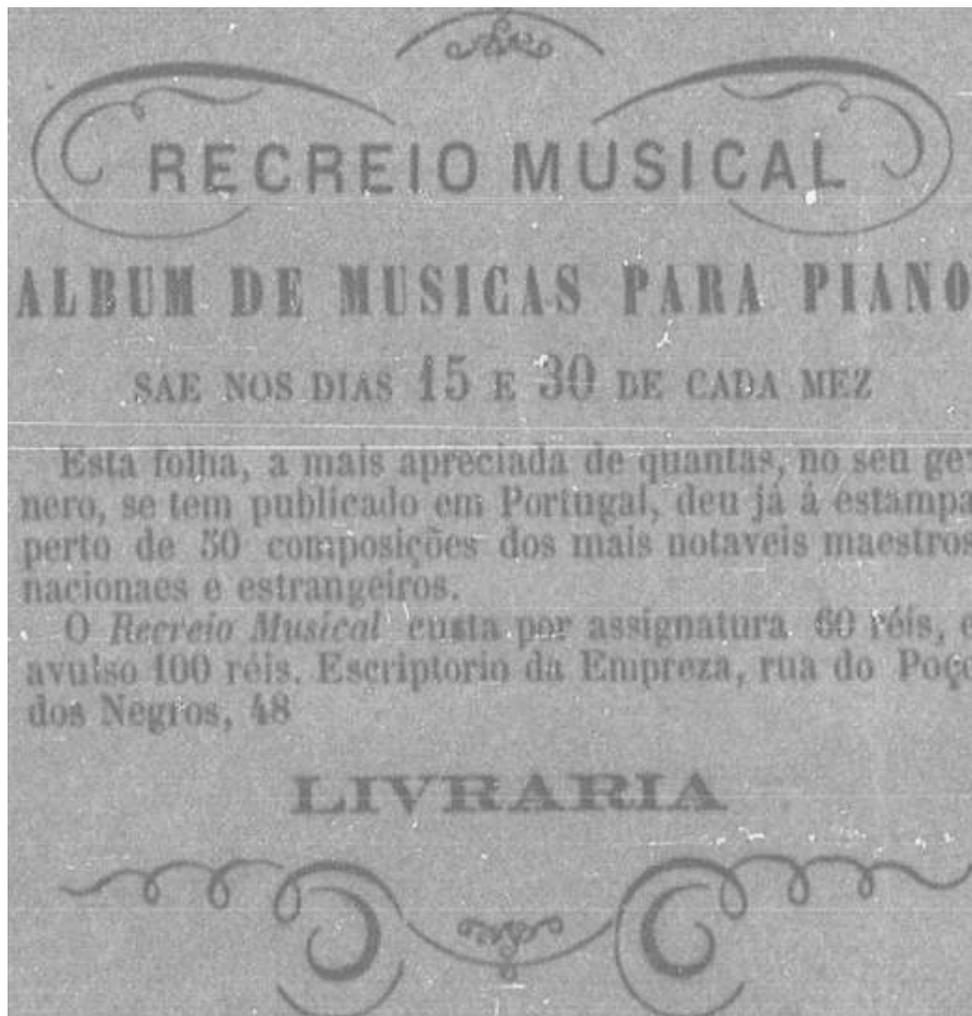


Fig. 1. Anúncio no periódico *Idade d'Ouro*. Fonte: (IDADE D'OURO, 1819a).

RECREIO MUSICAL
ALBUM DE MÚSICAS PARA PIANO
SAI NOS DIAS 15 E 30 DE CADA MÊS

Esta folha, a mais apreciada de quantas no seu gênero se tem publicado em Portugal, deu já à estampa perto de 50 composições dos mais notáveis maestros nacionais e estrangeiros.

O *Recreio Musical* custa por assinatura 60 réis, e avulso 100 réis. Escritório da Empresa, rua do Poço dos Negros, 48.

LIVRARIA
(IDADE D'OURO, 1819a)

É o primeiro anúncio relacionado à música com este destaque, tamanho e elaboração gráfica em um periódico publicado no Brasil. Até então, praticamente todos os reclames coletados limitavam-se a ocupar algumas linhas das seções de avisos. Neste caso, diferentemente, a nota se encontra em uma página suplementar ao lado de outros cinco anúncios do mesmo porte.

A inédita ilustração foi dirigida pela livraria alocada no número 48 da Rua do Poço dos Negros e promovia a venda da folha portuguesa intitulada *Recreio Musical: Álbum de Músicas para Piano*. Na Bahia, os sucessivos números da publicação eram oferecidos ao público nos “dias 15 e 30 de cada mês”.

Custavam 60 réis em assinatura e 100 cada exemplar avulso. Na data do anúncio, quase 50 obras para piano de compositores portugueses e estrangeiros já haviam sido impressas e comercializadas no eixo Portugal-Brasil. Este também é o primeiro registro, na imprensa brasileira, a anotar a presença de um periódico musical regular circulando no Brasil.

Na primeira metade do século XIX, os principais periódicos brasileiros também detinham suas próprias livrarias, geralmente chamadas de “lojas da gazeta”. A *Gazeta do Rio de Janeiro* (RJ) e o *Idade d'Ouro* (BA) ratificam tal prática. Neste último, em sua edição de 07 de julho de 1818, um anúncio que toma três páginas do periódico inclui o método para viola de Manoel da Paixão Ribeiro dentre os livros ofertados à venda. Trata-se da primeira referência a um método de cordofones de cordas dedilhadas na imprensa brasileira.

Na Loja da Gazeta a S. Barbara vende-se os livros seguintes. [p. 5] [...]

Nova Arte de Viola; que ensina a tocá-la com fundamento sem Mestre, dividida em duas partes, uma especulativa e outra pratica; com Estampas das posturas, ou pontes naturais e accidentais; e com alguns Minuettes, e Modinhas por Música e por Cifra. Obra útil a toda a qualidade de Pessoas; e muito principalmente às que seguem a vida literária, e ainda às Senhoras. Dada à luz por Manoel da Paixão Ribeiro, Professor Licenciado de Gramática Latina, e de ler, escrever e contar em a Cidade de Coimbra. 4º 1600 [p. 6-7] (IDADE D'OURO, 1818a).

A partir da década de 1820, exemplos de livrarias que comercializavam artefatos musicais se tornam mais frequentes. Dentre os diversos exemplos que reunimos, o caso mais emblemático é o da Livraria de J. Crèmière, situada à Rua dos Ourives n. 86 e responsável por dezenas de anúncios publicados sobretudo nos periódicos *Diário do Rio de Janeiro* e *Jornal do Commercio*:

Há para vender na rua dos Ourives N. 86 a Música para todos os instrumentos dos Autores seguintes: [segue uma lista com mais de 80 nomes], Princípios da Música, com explicação para ensinar a cantar e a tocar todos os Instrumentos; novo Método de piano de Vigerie, seguido de 10 Sonatas das melhores Óperas de Rossini; solfejos novos de França e de Itália; Três Modinhas Brasileiras, quatro variações, e uma Valsa; Hino Constitucional Braziliense; Marcha Nacional do Brazil, composta pelo Imperador; papel pautado, Cordas de Nápoles para rebeca e viola, Ns. 1, 2, e 3 (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1828).

Há para vender na livraria de J. Crèmière, rua dos Ourives n. 86, novos métodos de piano, ditos de flauta, ditos de viola Francesa, (guitare) ditos de rebeca; as peças seguintes de Rossini [...], também vende-se todas as ditas peças em pedaços, um novo sortimento de música de 1828 para piano, há todas as peças de Rossini por uma flauta e 2 flautas e rebeca, muitas músicas para flauta, 2 ditas, 3 ditas, para flauta e piano, rebeca, flauta pequena, rebecão, viola Francesa, etc. etc. Tem um catálogo dos nomes dos Autores do sortimento da música para todos os Instrumentos, e cordas de prata, e de tripa para viola Francesa, e rebeca em porção ou avulsa, algumas modinhas e 4 hinos para piano e viola. J. Crèmière tem a honra de prevenir ao Público que a melhor parte da dita música chega agora para o navio la Claudino (JORNAL DO COMMERCIO, 1829).

A tabela seguinte (Tab. 1) concentra as informações essenciais dos três exemplos de livrarias que anunciaram itens musicais nos periódicos luso-brasileiros nas duas primeiras décadas do século XIX.

Proprietário/livraria	Ref. no Periódico	Endereço	Itens musicais
Loja de Livros de Manoel Joaquim da Silva Porto	(GRJ, Ed. 65/1814: 4)	Rua da Quitanda esquina com S. Pedro	“música de qualquer qualidade que seja”
Loja/Livraria da Gazeta <i>Idade d'Ouro</i>	(IO, Ed. 54/1818: 5-7)	Rua de S. Bárbara	Método “Nova Arte de Viola”, de Manoel da Paixão Ribeiro
Livraria	(IO, Ed. 52/1819: 5)	Rua do Poço dos Negros, n.48	“Recreio Musical: Álbum de Músicas para Piano”.

Tab. 1: 03 Livrarias comercializando itens musicais no Brasil entre 1808-1822.

2. Lojas de itens diversos

O frágil panorama do comércio musical brasileiro aos poucos começa a reverberar as profundas mudanças decursivas da chegada da Família Real portuguesa e a consequente abertura dos portos do Brasil às nações amigas (1808). Os anúncios particulares, mais comuns nos primeiros anos de imprensa luso-brasileira, paulatinamente passam a dividir espaço com as propagandas de armazéns de itens diversos que incluíam, dentre suas mercadorias, artefatos musicais. Tais estabelecimentos dinamizavam as vendas comercializando produtos variados para atrair um público consumidor maior e diversificado, enquanto os mercados específicos - como o de materiais musicais – ainda não tinham força e público suficientes para subsistirem.

É na Bahia que encontraremos a primeira incidência desta modalidade de comércio musical. Em sua edição de 06 de dezembro de 1811, o *Idade d'Ouro* nos apresenta o armazém de Victorino dos Santos Pereira, situado em frente à porta da Alfândega, oferecendo ao público soteropolitano diferentes artigos: breu, alcatrão, tecidos, pós pretos e “um órgão novo próprio para Igreja”, além de “outros muitos gêneros” (IDADE D'OURO, 1811a).

Pouco mais de um mês depois, em 21 de janeiro de 1812, o comerciante Kenneth Pringle anuncia que seu escritório consignava e revendia objetos importados do brigue inglês *Três Irmãos*. Dentre os itens ofertados ao público, constavam vinhos, sal, um cavalo, uma mula, uma máquina para gomar roupa, um piano forte “de patente”, além de “uma negrinha com 14 anos de idade” (IDADE D'OURO, 1812). O reclame marca o início de duas práticas recorrentes nos anos seguintes: a predominância no Brasil de comerciantes e artefatos advindos dos portos da Inglaterra; e a venda casada de objetos - incluindo os musicais - e escravas (os) em um mesmo anúncio.

Ainda na Bahia, mais de quatro anos se passam até que um novo exemplo se projete, em 20 de agosto de 1816: “Antonio Manoel, com banca no beco da Garapa, tem para vender estampas finas, luminadas e em fumo, e flautas de vários preços” (IDADE D'OURO, 1816a). O anúncio marca o

primeiro registro do comércio de flautas captado pela nossa imprensa.

No Rio de Janeiro, esta modalidade de comércio também foi contumaz. Já no dia 1º de janeiro de 1812, Caetano Pirro oferece um “excelente piano forte de muito bom autor” ao público da corte carioca (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1812a). O anúncio tem aparência de um reclame particular, mas, na verdade, Pirro era proprietário (auto-intitulava-se “negociante”) de uma loja de itens diversos situada à Rua de S. Pedro n. 39. Na edição da *Gazeta* de 13 de junho de 1812, por exemplo, seu estabelecimento propala a venda de artigos de vestuário importados da Índia, tais como “camisas brancas, calças riscadas e meias de algodão fabricadas à agulha” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1812b).

No mês seguinte, em 26 de fevereiro de 1812, José Teixeira dos Santos, dono de uma “loja de fazendas”³ localizada na Rua do Ouvidor n. 32, anuncia um “excelente piano forte vindo proximamente de Inglaterra” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1812c)⁴. Neste caso, a descrição da proveniência é uma informação inédita e representa o primeiro indício da forte presença dos instrumentos musicais ingleses - basicamente os pianos - também nos anúncios de lojas de variedades estabelecidas no Rio de Janeiro nas primeiras décadas Oitocentistas.

É preciso lembrar que, até a chegada da corte portuguesa, a colônia brasileira limitava-se a negociar diretamente com a metrópole. Com a abertura dos portos às nações amigas, em 28 de janeiro de 1808, D. João VI, em suas próprias palavras, tornou “admissíveis nas alfândegas do Brasil todos e quaisquer gêneros, fazendas e mercadorias transportadas, ou em navios estrangeiros das potências que se conservam em paz e harmonia com a minha Real Coroa, ou em navios dos meus vassallos pagando por entrada vinte e quatro por cento [...]”⁵.

Tal circunstância beneficiou sobretudo os ingleses, então aliados de Portugal no combate às tropas napoleônicas e donos do mais forte aparato industrial e comercial do período, fatores que justificam a grande afluência de produtos e negociantes advindos da Inglaterra circulando em território brasileiro nas primeiras décadas do século XIX.

Os objetos musicais não passaram incólumes a este processo. Em 10 de janeiro de 1817, por exemplo, o *Idade d'Ouro* nos revela o nome de um dos mais decisivos mercadores ingleses que, naquele momento, atuaram na Bahia: **Robert Cartwright**, proprietário de uma companhia que, no anúncio em questão, oferecia ao público soteropolitano: “um piano forte novo e de boa construção” (IDADE

³ No Brasil Oitocentista, o vocábulo *fazenda* foi o termo mais comum para nomear os estabelecimentos que vendiam itens diversos, então denominados de “lojas de fazendas”.

⁴ O anúncio foi repetido no mesmo periódico na Edição Extraordinária 03, em 06 de abril de 1812 (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1812d).

⁵ Documento pertence ao Acervo de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-carta-de-abertura-dos-portos/>
Acesso: 13/05/2017.

D'OURO, 1817a).

Meses depois, em 16 de maio de 1817, o *Idade d'Ouro* nos revelará o nome de outro importante comerciante inglês radicado na Bahia, **George R. Foster**, dono de um escritório de representação sito à rua direita d'Alfândega. O negociante eventualmente anunciava instrumentos musicais à venda: “Vende-se um Piano forte do gosto o mais moderno; quem quiser comprá-lo, dirija-se ao Escritório de *Gro. K. Foster*, no andar em que mora o *Consul Inglês*” (IDADE D'OURO, 1817b).⁶

Apesar da proveniência inglesa, Foster não se limitava a comercializar produtos de seu País, conforme nos revela a gazeta baiana em 30 de outubro de 1818: “*Geo. R. Foster* tem para vender no seu Escritório na rua d'Alfândega, fortes pianos *d'Alemanha*, muito ricos e de bom gosto” (IDADE D'OURO, 1818b). Outrossim, importava sortimentos diversos de cidades norte-americanas: “Entraram neste porto [da Bahia] as embarcações seguintes: [...] Em 6 [de outubro de 1818] de Boston, a *Galera Americana Heroine*, Mestre *Charles Smith*, 63 dias de viagem, carga sortimentos. Correspondente *George. R. Foster*” (IDADE D'OURO, 1818c).

Como se nota, os artefatos comercializados em seu escritório custavam caro: pianos, botes, móveis, carrinhos de campo. A força econômica do negociante pode ser medida através do mapa de receitas e despesas publicado pela Tesouraria Geral da Fazenda Nacional na edição da gazeta baiana de 12 de novembro de 1822. Referente ao balanço de outubro daquele ano, o anúncio deixa saber que Foster havia arrematado, somente naquele mês, nada menos do que “34 quintais, 2 arrobas e 10 arreteis de cobre velho”, um investimento total de 597\$510 réis (IDADE D'OURO, 1822).

Para nós, o fundamental é constatar como a proveniência e os construtores dos instrumentos musicais começavam a se tornar fatores de distinção entre os anúncios musicais do gênero. Na edição da *Gazeta do Rio de Janeiro* de 13 de novembro de 1816, por exemplo, José Antonio Costa, dono de uma loja de varejo na Rua do Ouvidor n. 20, anuncia um “forte piano e um realejo dos melhores autores” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1816a). Desde então, a referência à qualidade do construtor - “o melhor autor” - será uma constante nos reclames musicais dos periódicos brasileiros do período.

Mas não foram apenas os artefatos e construtores ingleses que se distinguiram nestas primeiras duas décadas Oitocentistas. Como já observado, a transferência da Família Real portuguesa para o Brasil e a conseqüente abertura dos portos brasileiros às nações amigas foram fatores decisivos para pavimentar a relação comercial entre a colônia luso-brasileira e os países europeus, especialmente a Inglaterra.

A partir de 1814, contudo, as relações políticas, econômicas e culturais entre Portugal e França se

⁶ Aparentemente, pode-se imaginar que se tratava da venda particular de um instrumento musical, mas reclames publicados nos anos seguintes nos deixam perceber a diversificada natureza comercial do negócio de Foster: “*Geo. R. Foster morador na rua direita d'Alfandega, tem dois botes para vender*”. (IDADE D'OURO, 1818d); “*Gro. K. Foster* tem para vender um carrinho de campo do último gosto e móveis de casa, no seu Escritório da rua direita d'Alfândega” (IDADE D'OURO, 1819b).

aproximam. A queda de Napoleão Bonaparte e a Restauração da monarquia francesa (com a ascensão de Luís XVIII)⁷ são fatores que permitem, finalmente, a copiosa transferência de cidadãos franceses para o Brasil.

Havendo um armistício suspenso todas as hostilidades até a conclusão da paz geral e sendo a liberdade do Comércio um dos mais sazonados frutos do mesmo armistício, O Príncipe Regente Nosso Senhor houve por bem franquear nos portos dos Seus Estados a entrada de navios de qualquer nação [não mais apenas os advindos das nações amigas]; e igualmente permitir aos seus Fiéis Vassallos a liberdade de mandarem as suas embarcações para qualquer porto estrangeiro.

Sendo chegada a esta Corte a próspera notícia da feliz restauração do trono da França e da suspensão de hostilidades, Determinou S. A. R dar a DEUS as devidas graças por tão assinalado benefício [...] (IDADE D'OURO, 1814).

No campo das artes, a consequência imediata de tal estreitamento foi a chegada, em 1816, da Missão Artística Francesa ao Rio de Janeiro. Chefiada por Joachim Lebreton e com a participação de artistas do calibre de Jean-Baptiste Debret, Nicolas-Antoine Taunay, Grandjean de Montigny, dentre outros, a Missão foi responsável por decisivas mudanças urbanísticas na corte carioca e teve papel ativo na constituição da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, posteriormente intitulada Academia de Belas-Artes. Além de suas obras artísticas, muitos destes personagens também deixaram preciosos relatos escritos e iconográficos sobre suas passagens pelo território brasileiro.

Naturalmente, este processo reverberou no tabuleiro comercial das principais províncias brasileiras. Fridman (2009), citando Schwarcz (2008), “aponta 17 navios partindo do Havre [cidade portuária no Noroeste da França] para o Brasil em 1816 com negociantes de tapetes, capitalistas, artesãos, joalheiros, fabricantes de armas e selas, alfaiates, curiosos, cientistas, literatos e religiosos” (2009: 178). Na portentosa frota, marcada pela substantiva presença dos mercadores de variedades, estiveram presentes artistas e artefatos musicais. De fato, duas edições da *Gazeta do Rio de Janeiro* testificam que embarcações francesas transitaram, exatamente neste período, do Havre para os portos brasileiros (e vice-versa). Primeiro, em 23 de outubro de 1816:

O Capitão do Navio *Francês Iphigenia*, tem a bordo duas caixas com a marca G. D 1 e 2, que ninguém tem reclamado até o presente, o que faz público, porque não aparecendo dentro em dois meses, a contar da data deste aviso, o respectivo conhecimento, serão vendidos em hasta publica para satisfação do frete. Quem tiver de tratar sobre este ponto se dirigirá a *Carlos*

⁷ Com a derrocada de Napoleão Bonaparte frente a uma coalizão de países europeus (Prússia, Áustria, Suécia, Rússia, Espanha, Inglaterra e Portugal), instalou-se, na França, o período conhecido como Restauração Francesa (ou Restauração Bourbon). A retomada do poder pelos herdeiros de Luís XVI, deposto e assassinado durante a Revolução Francesa, foi possibilitada pela rendição de Paris e a subsequente renúncia de Napoleão, ocorrida em 06 abril de 1814. Além de terem as tropas desgastadas pelos incessantes combates contra os exércitos da Prússia, Áustria, Suécia, Rússia, dentre outros países europeus, é importante frisar que, dentre 1807 a 1814, os franceses travaram a chamada Guerra Peninsular contra Portugal, Inglaterra e Espanha (que inicialmente lutava ao lado dos franceses). A contenda com a França acabou motivando, ainda em 1807, a tomada do território português e a consequente vinda da Família Real para o Brasil. Tais fatos justificam as intermitentes notícias sobre o desenvolvimento das batalhas travadas em solo europeu, narradas edição a edição nos periódicos luso-brasileiros do período.

Durand, na rua do *Ouvidor* N. 28, ou N. 174. Nas mesmas casas se acham de venda, chegadas pelo mencionado Navio e outros posteriores, fazendas de *França* do último gosto, tais como: [...] **música; instrumentos de música** [...] (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1816b). [grifo nosso]

Depois, o anúncio de retorno do mesmo navio ao porto de Havre, no início de 1817:

O Brigue *Francês Iphigenia*, do porte de 240 toneladas pouco mais ou menos, muito veleiro, sairá deste porto em direitura para o *Havre* no dia 5, ou 8 de fevereiro ao mais tardar: quem quiser carregar ou ir de passagem, dirija-se à rua do *Ouvidor*, N. 174, ou à casa de *Carlos Durand*, na mesma rua N. 28, ou ao Capitão a bordo do dito Brigue (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1817a).

Os reclames são decisivos não apenas por confirmarem as transações comerciais e o trânsito de pessoas entre os portos brasileiros e franceses, mas também porque revelam o nome daquele que provavelmente foi, neste período, o mais representativo dos negociantes que atuaram no Rio de Janeiro no comércio de variedades: **Carlos Durand**, que tinha estabelecimentos alocados nos números 28 (casa) e 174 (loja) da Rua do Ouvidor.

Importador responsável pelas mercadorias do navio gálico *Iphigenia*, o francês oferecia ao público da corte carioca uma considerável plêiade de artigos: panos, tecidos, roupas de mesa e banho, chapéus, plumas, livros, estampas, relógios, espelhos, serpentinas, candieiros, porcelanas, etc. Dentre tais produtos, despontavam “música e instrumentos de música”, conforme destacado no primeiro reclame.

A partir de então, Durand foi relacionado à venda de artefatos musicais em outros três anúncios da *Gazeta do Rio de Janeiro*. Na edição de 22 de janeiro de 1817, ratifica-se o fato de que o francês fora, no Brasil, um dos pioneiros no comércio formal de partituras: “Acha-se em casa de *Carlos Durand*, e *C.ª*, na rua do *Ouvidor* N. 28 no primeiro andar, um sortimento de prata, [...] leques de todas as qualidades, música por 50 a 100 abaixo do preço de *Paris*, chalés fingindo lã de camelo de muito bom gosto” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1817b).

Já na edição de 26 de março de 1817, o comerciante anuncia “relógios de música”, além de notificar a troca de endereço do seu estabelecimento da Rua do Ouvidor n. 28 para a Rua Direita n. 09 (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1817c), indo de encontro, portanto, ao logradouro musical mais badalado da época. Finalmente, na edição de 29 de maio de 1819, Durand reitera a diversidade de seus produtos e inclui nominalmente violas de cordas dedilhadas dentre eles.

Em casa de *Carlos Durand e Comp.*, rua *Direita* N. 9, se acha um sortimento de medalhas da *Conceição*, e da *Torre* e da *Espada*, crachás das Ordens de *Cristo*, de *Aviz*, e da *Torre* e da *Espada*, necessários para a barba e toucador, papel para escrever super fino e acetinado, modelos de desenho e de arquitetura, sapatos e chinelas, rendas de linho e de seda, plumas e penachos de todas as cores, véus de várias cores, entremeio de cassa e de paninho, sedas, chalés de algodão e de lã, sarjas de todas as cores, jogos de esfera, globos celestes e terrestres, **violas**, &c (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1819a). [grifo nosso]

Anúncios de outros comerciantes corroboram a rápida e contumaz inserção dos franceses nos principais centros urbanos do Brasil. Ainda em 1817, um novo exemplo nos revela outra loja de variedades francesas situada no mais relevante polo de comércio musical do período: a Rua Direita, no Rio de Janeiro.

Na rua *Direita* N. 28, defronte do Banco vende-se um grande **sortimento de fazendas Francesas, como pianos, violas, música**, móveis, quadros, espelhos, vidros, porcelana, louça, perfumarias, relógios, fazendas de seda e de linho, panos, cambraia, chalés, franjas, chapéus de palha, flores, plumas, vestidos e outros vários objetos para senhoras (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1817d). [grifo nosso]

De quadros a plumas, o anônimo anunciante divulga toda espécie de “fazendas francesas”, dentre as quais despontam pianos, partituras e violas de cordas dedilhadas. A inclusão destas últimas faz do anúncio o exemplo inaugural de uma loja - e não de um particular - a comercializar, no Brasil, violas importadas da França. No ano seguinte, 1818, recolhemos os primeiros anúncios que denominam estes mesmos instrumentos de *violas francesas* (Cf. GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1818a), expressão que, a partir de então, será amplamente utilizada em diversas regiões brasileiras - e não somente no Rio de Janeiro, como acreditava-se -, fato que amplifica a já confusa terminologia empregada aos cordofones de cordas dedilhadas no Brasil do período.

Os anúncios da *Gazeta do Rio de Janeiro* nos indicam que outro francês teve destaque como proprietário de lojas de variedades na corte de D. João VI: **Imbert de Nangis**. Com um “armazém francês” estabelecido à Rua do Rosário n. 60, o comerciante vendia móveis, porcelanas, licores, vinhos, espelhos, quadros, materiais para desenho, instrumentos musicais, dentre diversos outros objetos importados da França. Em 19 de abril de 1817, por exemplo, Imbert anunciou “um forte piano que toca[va] por si mesmo trinta árias diferentes” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1817e). No ano seguinte, o negociante volta a destacar pianos fortes em sua loja de itens diversos:

Imbert de Nangis Negociante Francês, que morava na rua do *Rosário* N. 60, faz saber ao público que ele mudou a sua loja para a rua do *Ouvidor* N. 81, e que nela tem um grande sortimento de móveis, cristais, porcelana, pianos fortes, e o grande *Rub Autisiphilitique* para os males venéreos, e que tem em *Português* o método de se servir deste remédio no seu curativo, e um grande sortimento de livros *Portugueses, Franceses e Ingleses* (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1818b).

À exceção do remédio para doenças venéreas, é um reclame próximo ao publicado no mesmo periódico quase dois anos depois, quando “*Mr. Imbert* faz saber ao Público que ele acaba de receber um grande sortimento de todas as qualidades de móveis, cristais, porcelanas, serviços de mesa; e um piano, que vende por preço cômodo” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1820a). Mais uma vez, portanto, o mercador destaca os pianos dentre os lotes de suas mercadorias.

Com loja na Rua do Ouvidor n. 98, **Lezan Vial** completa a trinca de franceses que, no período, importavam mercadorias de seu País de origem para o Rio de Janeiro, incluindo eventualmente artigos

musicais. Em 12 de setembro de 1818, o negociante publica um anúncio no qual oferece, em meio a lâmpadas, castiçais e ornamentos de igreja, “uma bela harpa novamente chegada de França” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1818c.).

Esta proliferação de negociantes franceses não foi um movimento exclusivo do Rio de Janeiro. Na Bahia, os anúncios do gênero também ocuparam as páginas do *Idade d’Ouro* a partir de 1816:

Mr. *Alexis Martins* faz saber que ele recebeu de França um grande sortimento de trastes de casa, porcelana, espelhos, galanterias, relógios de mesa, caixas de tabaco, rendas, quadros, pianos e outras peças de gosto: quem quiser comprar, dirija-se à rua direita do Caes da Cal, nas casas grandes no terceiro andar (IDADE D’OURO, 1816b).

O anúncio corrobora a lista de mercadores/mercadorias francesas apontadas por Fridman (2009) e Schwarcz (2008) nos 17 navios que partiram do Havre para o Brasil. Mais do que isso, anota a presença dos pianos entre as “peças de gosto” importadas. A participação de instrumentos musicais em lojas de mercadorias francesas será, a partir de então, uma constante nos periódicos dos principais centros urbanos brasileiros do período. Os exemplos de Alexis Martins, na Bahia, e Carlos Durand, Imbert de Nangis e Lezan Vial, no Rio de Janeiro, atestam o quão abundante foi a circulação de comerciantes e artefatos franceses no Brasil a partir de 1816, após o fim das repetidas contendas de Portugal com os exércitos napoleônicos nos anos anteriores.

Em muitas das propagandas nos jornais da época, porém, a proveniência dos artefatos não é distinguida. No recorte temporal compreendido entre 1808 e 1822, o mais representativo destes exemplos ocorre na *Gazeta do Rio de Janeiro* de 10 de outubro de 1818, quando um portentoso anúncio do gênero toma duas páginas suplementares do periódico. Nele, dentre diversos outros artefatos, partituras e instrumentos musicais são anunciados à venda tanto no atacado quanto no varejo:

Para vender por atacado e miúdo na Rua detrás do Hospício N° 9, e na Rua do Ouvidor N° 46.

A SABER.

[...] Música para Piano, Flauta, Viola e Guitarra. [...] Guitarras, órgãos e realejos pequenos

[...] (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1818d)

O reclame oferecia uma significativa variedade de produtos: vinagres, mostardas, essências, especiarias da Índia, vinhos, vidros, chapéus, bonecos, verniz, cafeteiras, bolsas diversas, candeeiros, leques, pêndulos, cristais, garrafas, pinturas, porcelanas, vasos, bandejas, taças, quinquilharias, plumas, flores, sapatos, fitas, papel, objetos para escrivaninha, estátuas, além de significativa quantidade de itens de vestuário para homens e mulheres.

Dentre tais itens, despontam três tipos de instrumentos musicais: guitarras, realejos e órgãos, bem como partituras para piano, flauta, viola e para a própria guitarra. A nota é decisiva por incluir objetos de música dentre os artigos que poderiam ser revendidos em larga escala, no “atacado”, o que indica

que não deveria ser pequena a quantidade de instrumentos disponíveis nestes grandes armazéns alocados à Rua do Hospício n. 09 e à Rua do Ouvidor n. 46.

Outro ponto de concentração destas lojas foi a Rua d'Alfandega, também no Rio de Janeiro. Em 1716, a rua foi batizada com este nome “porque diante dela, na praia, é que a Alfândega estava” (GERSON, 2000: 55). Com a abertura dos portos brasileiros às nações amigas, em 1808, foi lá que inicialmente se instalaram os negociantes de toda espécie, aproveitando-se da posição privilegiada para o desembarque/embarque dos produtos estrangeiros e brasileiros.

Como consequência, muitos instrumentos e artefatos musicais transitaram pelo logradouro e, alguns deles, foram comercializados nos armazéns de variedades ali estabelecidos, conforme demonstra o anúncio da *Gazeta* de 10 de fevereiro de 1819. Nele, flautas de ébano e/ou guarnecidas de prata despontam dentre uma enorme diversidade de produtos na loja dos irmãos Martin:

*Miguel e Adolphe Martin Irmãos, rua d'Alfandega N. 39, primeiro andar, tem para vender lenços para uso de tabaco, desde o preço de 5:400 até 7:500 por dúzia ou por atacado, botas, botins, sapatos, chapéus, estofos para homens, de qualidade superior, vários enfeites de gosto para Senhoras, plumas brancas e encarnadas para Corte, sapatos, toucas de renda e cassa, lenços, coleirinhas, tiras bordadas, camisas de cambraia, camisinhas, coletes de barba com atacadores, véus, chalés de seda e de filó bordados de ouro, ou prata, ou palha, vestidos de paninho, cortes de seda, e garça, punhos, tiras, **flautas d'ébano e grenadim guarnecidas de prata**, água de *Colônia* superior, rendas, blondas, toucas bordadas de ouro e prata, com chefes, caixas de costura, meias de seda, luvas compridas e curtas, guarnições para vestido, calças de pele para montar a cavalo, tudo pelo preço mais cómodo (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1819b). [grifo nosso]*

No período, embora mais raros, também houve armazéns de variedades que comercializavam tanto produtos ingleses quanto franceses, geralmente capitaneados por portugueses ou luso-brasileiros. É o caso da loja de F. G. Guimarães, localizada à Rua do Sabão n. 12. Na *Gazeta do Rio de Janeiro* de 01 de setembro de 1819, por exemplo, o comerciante anuncia obras de Camões com “edição de Paris” ao lado de “livros ingleses pautados com riscos próprios para escrituração portuguesa” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1819c). No mesmo anúncio, Guimarães oferece ao público carioca livros de instrução para guitarra e viola: “Arte de aprender a tocar Guitarra sem mestre, 4:800 [réis]. – Dita de Viola, 1:600 [réis]”. Este é o primeiro registro nominal de métodos para cordofones de cordas dedilhadas na imprensa do Rio de Janeiro.⁸

Por fim, é preciso ressaltar que embora as mercadorias inglesas e francesas tenham polarizado o comércio de variedades nas principais províncias brasileiras do período, a abertura dos portos (1808) e a elevação do Estado do Brasil à condição de Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves (1815) também

⁸ Pouco mais de um ano depois, na *Gazeta* de 11 de outubro de 1820, Guimarães volta a anunciar o método para viola: “Na loja de F. G. Guimarães na rua do Sabão N. 14, se acha [...]: *Arte de aprender a tocar viola sem mestre*, 4.º 1\$280” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1820b). Cumpre notar a redução de valor em relação ao anúncio anterior: o preço do método caiu de 1\$600 réis para 1\$280, uma redução de 20%. O reclame do método de guitarra, por sua vez, não é repetido.

representaram passos decisivos para a entrada de artigos de outros países europeus, norte-americanos e asiáticos no Brasil, em um movimento que, apesar de existir antes, acentuou-se peremptoriamente a partir da década de 1820.

É neste contexto que, em 07 de abril de 1821, o comerciante alemão Wulfing Hubel oferece “ao respeitável público por preços mui cômodos toda a espécie de música [partitura] de instrumentos e de cordas, assim como toda a classe de fazendas [mercadorias] tanto *francesas*, como *alemães*” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1821). Partituras provenientes da Alemanha, portanto, já circulavam em território brasileiro no início da década de 1820, pelo menos, assim como seus artistas começaram a gradativamente ocupar espaços profissionais ligados à música no Brasil. É o caso do alemão Barteli, professor de piano que ensinava na Rua das Misericórdias n° 34 e na Rua das Violas n° 34 (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1820c).

Na Tab. 2, a seguir, encontram-se as informações essenciais referentes aos exemplos de lojas de variedades que publicaram, no Rio de Janeiro e na Bahia, anúncios contendo itens musicais entre 1808 a 1822. São 25 incidências organizadas em ordem cronológica: 18 delas coletadas na *Gazeta do Rio de Janeiro* e 07 no periódico baiano *Idade d'Ouro*.

Loja de Variedades/ Comerciante	Nacionalidade	Endereço	Itens musicais	Referência no Periódico/ data
Armazém de Victorino dos Santos Pereira	Portuguesa ou luso-brasileira	“em frente à porta da Alfandêga”, Bahia	1 Órgão “próprio para Igreja”	(IO, Ed. 50/1811: 4)
Loja de Caetano Pirro	---	Rua de S. Pedro n. 39, Rio de Janeiro	1 Piano forte “de muito bom autor”	(GRJ, Ed. 01/1812: 4) (GRJ, Ed. 48/1812: 4)
Escritório de Kenneth Pringle	Inglês, imp. do navio inglês <i>Três irmãos</i>	Trapiche novo ou nas casas defrontes das Mérces, BA	1 Piano forte “de patente”	(IO, Ed. 06/1812: 8)
Loja de fazendas de José Teixeira dos Santos	Portuguesa ou luso-brasileira	Rua do Ouvidor n. 32, Rio de Janeiro	1 Piano forte “vindo da Inglaterra”	(GRJ, Ed. 17/1812: 4)
Banca de Antonio Manoel	Portuguesa ou luso-brasileira	Beco da Garapa, Bahia.	Flautas de vários preços	(IO, Ed. 67/1816: 4)
Loja de Carlos Durand e C ^a	Francesa	Rua do Ouvidor n. 28 e n. 174, Rio de Janeiro	“música; instrumentos de música”	(GRJ, Ed. 85/1816: 4) (GRJ, Ed. 10/1817: 4)
Loja de Varejo de José Antonio Costa	Portuguesa ou luso-brasileira	Rua do Ouvidor, n. 20, Rio de Janeiro	1 Forte piano e 1 realejo “dos melhores autores”	(GRJ, Ed. 91/1816: 4)
Loja de Alexis Martins	Francesa	Rua direita do Cais da Cal, 3º andar, Bahia	Pianos	(IO, Ed. 100/1816: 4)

Companhia de Roberto Cartwright	Inglesa	“nas portas da Ribeira”, Bahia	1 Piano forte “de boa construção”	(IO, Ed. 03/1817: 4)
Loja de Carlos Durand e C ^a	Francesa	Rua do Ouvidor n. 28 e n. 174, Rio de Janeiro	“música por 50 a 100 abaixo do preço de Paris”	(GRJ, Ed. 07/1817: 4)
Loja de “fazendas francesas”	Francesa	Rua Direita n. 28, Rio de Janeiro	“pianos, violas, música”	(GRJ, Ed. 08/1817: 4)
Loja de Carlos Durand e C ^a	Francesa	Rua Direita n. 09, Rio de Janeiro	Relógios de música	(GRJ, Ed. 25/1817: 4)
Armazém francês de Imbert de Nangis	Francesa	Rua do Rosário n. 60, Rio de Janeiro	1 Forte piano que tocava “30 árias diferentes”	(GRJ, Ed. 32/1817: 4)
Escritório de George R. Foster	Inglesa	Rua direita d’Alfândega, Bahia	1 Piano forte “do gosto mais moderno”	(IO, Ed. 38/1817: 4)
Armazém francês de Imbert de Nangis	Francesa	Rua do Ouvidor n. 81, Rio de Janeiro	Pianos fortes	(GRJ, Ed. 46/1818: 4)
Loja de Lezan Vial	Francesa	Rua do Ouvidor n. 98, Rio de Janeiro	1 Harpa “chegada de França”	(GRJ, Ed. 73/1818: 4)
Loja “por atacado e miúdo”	---	Rua detrás do Hospício n. 9, Rua do Ouvidor n. 46	Guitarras, órgãos, realejos pequenos e partituras	(GRJ, Ed. 81/1818: 5-6)
Escritório de George R. Foster	Inglesa	Rua direita d’Alfândega, Bahia	Fortes pianos “d’Alemanha”	(IO, Ed. 86/ 1818: 4)
Loja de “Miguel e Adolphe Martin Irmãos”	---	Rua da Alfândega n. 39, Rio de Janeiro	Flautas de ébano e guarnecidas de prata	(GRJ, Ed. 12/1819: 4)
Loja de Carlos Durand e C ^a	Francesa	Rua Direita n. 09, Rio de Janeiro	violas	(GRJ, Ed. 43/1819: 4)
Loja de F. G. Guimarães	Portuguesa ou luso-brasileira	Rua do Sabão n. 12, Rio de Janeiro	Métodos para guitarra e viola	(GRJ, Ed. 70/1819: 4)
Armazém francês de Imbert de Nangis	Francesa	Rua do Ouvidor n. 81, Rio de Janeiro	1 piano	(GRJ, Ed. 43/1820: 4)
Loja de F. G. Guimarães	Portuguesa ou luso-brasileira	Rua do Sabão n. 14, Rio de Janeiro	Método para viola	(GRJ, Ed. 82/1820: 4)
Casa de Wulffing Hubel	Alemã, vendia itens franceses e alemães	Rua dos Ourives n. 73, Rio de Janeiro	“música de instrumentos e de cordas”	(GRJ, Ed. 28/1821: 4)

Tab. 2: 25 lojas de variedades comercializando itens musicais no Brasil entre 1808-1822.

3. Lojas de música

O desenvolvimento econômico e cultural subsequente à chegada da Família Real portuguesa, o consequente e vertiginoso aumento populacional⁹, a abertura dos portos brasileiros e o desinente aumento dos produtos musicais oferecidos nos armazéns de itens diversos, são alguns dentre os fatores que pavimentaram o caminho para a abertura de lojas exclusivamente ou preponderantemente dedicadas à música nas primeiras décadas do Brasil Oitocentista.

3.1 Os comerciantes ingleses

Nos periódicos luso-brasileiros pioneiros, o primeiro anúncio dedicado exclusivamente à venda de instrumentos musicais em maior quantidade ocorre no Rio de Janeiro, na edição da *Gazeta* de 06 de fevereiro de 1813: “Quem quiser comprar alguns *Pianos Fortes* e grandes *Pianos*, chegados proximamente de *Londres*, e do melhor autor daquela Capital, pode procurar na rua dos *Pescadores* N. 4” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1813).

Quatro anos depois, em 22 de março de 1817, o mesmo logradouro volta a anunciar “pianos fortes de diversas qualidades e preços, chegados proximamente de *Londres*, e do melhor autor daquela Cidade, *F. Broadwood Sons*” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1817f). Mais dois anos decorridos e novamente o endereço é vinculado à venda de pianos fortes ingleses na edição da *Gazeta* de 10 de julho de 1819: “Chegaram de próximo de *Londres*, pianos fortes de *Broadwood*. Vendem-se na rua dos *Pescadores* N. 4” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1819d).

Quatro informações relevantes podem ser suscitadas a partir destes três exemplos iniciais:

- (1) a diversidade e preponderância de pianos fortes e grandes pianos nos reclames publicados na embrionária imprensa brasileira, um dado que se ratificará nos anos seguintes;
- (2) a indicação do autor/marca responsável pela fabricação dos instrumentos, *Broadwood and Sons*.¹⁰;
- (3) a presença maciça de negociantes e produtos ingleses circulando no Brasil do período, cujas razões já apontamos no item anterior;
- (4) a recorrência da loja situada à Rua dos Pescadores n. 4 no comércio de pianos fortes ingleses da marca *Broadwood*, o que a configura como um dos principais (senão o principal) pontos de revenda, no

⁹ Carvalho (2014) nos conta que, entre 1808 e 1821, a população do Rio de Janeiro dobrou, passando de cerca de 50 60 mil para 100 a 120 mil habitantes. A autora também sugere que a presença do rei em terras cariocas foi um atrativo geográfico não somente para os habitantes de outras partes do Brasil, mas também das Américas e da própria Europa.

¹⁰ Referência à tradicional e ainda ativa fábrica inglesa de pianos *John Broadwood and Sons*, cujo primeiro piano forte (*square piano*) fora fabricado em 1771. Antes, desde sua fundação (1728), a empresa já fabricava cravos, atividade encerrada em 1793 com o declínio da popularidade deste instrumento e o seu respectivo preterimento em relação ao piano forte. Nas primeiras décadas do século XIX, os inaugurais periódicos brasileiros nos dão seguidos exemplos de como os instrumentos desta fábrica circularam significativamente no Brasil.

Rio de Janeiro, dos instrumentos de teclas advindos da Inglaterra. Os anúncios nos revelam que a casa atuou ininterruptamente de 1813 a 1819, pelo menos.

Especificamente em relação à modalidade de negócio, não é possível precisar se o estabelecimento situado à Rua dos Pescadores n. 4 vendia exclusivamente artefatos musicais, já que muitas vezes lojas de itens diversos optavam por anunciar apenas os seus artigos de maior valor, uma vez que o espaço publicado nos jornais era cobrado por linha.¹¹ Embora seja possível que se tratasse exclusivamente de uma loja musical (o que a tornaria pioneira), neste período foi muito comum a existência de comércios de mercadorias variadas que apresentavam um perfil mais inclinado para determinada área ou temática.

Foi o caso dos reclames vinculados à loja do inglês **Alexandre Mac Grouther**. Proprietário de um armazém de mercadorias diversas, o comerciante privilegiava, em seus anúncios, os artefatos mais caros de seu estoque, dentre os quais despontavam pianos fortes, grandes pianos e até um “órgão elegantíssimo”. O destaque conferido aos instrumentos musicais em uma loja de variedades enceta mais um passo na consolidação do comércio musical do período: a fixação de estabelecimentos ainda não exclusivamente dedicados à música, mas nos quais preponderavam anúncios com ênfase em artigos musicais.

Faz-se público que o Senhor Alexandre Mac Grouthers [Grouther], já se mudou de N. 33 na rua do Ouvidor para N. 64 na mesma rua, pouco mais abaixo na parte oposta à de sua casa antiga, onde agora tem o seu armazém, no qual há para vender todas as costumadas fazendas, como também uns pianos fortes, dois grandes pianos direitos, e um órgão elegantíssimo, que se toca com os dedos, e que bem podia servir para uma Capela, ou Igreja; e que tudo se vende por preços cômodos (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1814b).

O próximo passo se dá com a consolidação dos anúncios de lojas exclusivamente dedicadas à música. O primeiro exemplo ocorre na edição da *Gazeta* de 19 de novembro de 1814, quando o inglês **Diogo Wood** anuncia pianos, harpas e outros instrumentos musicais em seu armazém, localizado à Rua Direita n. 12.

Diogo Wood faz saber que se mudou da rua dos *Barbonios* para a rua *Direita* N. 12, onde se acham para vender pianos fortes de várias qualidades perpendiculares e horizontais, harpas elegantes e outros instrumentos musicos que chegaram de Inglaterra pelo último comboio (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1818c).¹²

¹¹ Impressa com autorização do governo monárquico português, a gazeta bisemanal (terças e sextas-feiras) *Idade d'Ouro*, por exemplo, começa a circular em Salvador (Bahia) a partir de 14 de maio de 1811. Logo em sua 2ª edição, no dia 17 do mesmo mês, o periódico conclama anunciantes a preencher a sua seção de Avisos, concebida nos mesmos moldes da seção correspondente da *Gazeta do Rio de Janeiro*. Cada linha publicada no jornal custava a bagatela de 100 réis: “Todas as Pessoas, que desejarem que na Gazeta se faça qualquer anúncio podem dirigir-se à loja da Gazeta, na qual se escreverá na forma desejada cada linha por 100 réis (IDADE D'OURO, 1811b).

¹² Anúncio repetido no mesmo periódico uma semana depois, na Edição 95, de 26 de novembro de 1814 (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1814d).

Uma vez que na propaganda não são listados outros tipos de mercadorias, algo que - como acabamos de constatar no caso de Alexandre Mac Grouther - foi comum até então, pode-se sugerir que Wood foi um dos primeiros a trabalhar exclusivamente com importação e venda de artigos musicais no Brasil.

O negócio de Wood, entretanto, não pôde prosperar. Menos de um ano depois de seu primeiro anúncio, a edição da *Gazeta* de 05 de agosto de 1815 nos deixa saber de seu falecimento, informando-nos ainda que Alexandre Mac Grouther fora nomeado administrador de seus bens pelo cônsul britânico. Tal fato foi provavelmente instigado pela proximidade dos artefatos vendidos por ambos, o que também corrobora a importância dos dois ingleses no comércio de instrumentos musicais nas décadas iniciais do Rio de Janeiro Oitocentista. Mac Grouther aproveita o anúncio não somente para convocar os devedores de Wood a saldarem suas dívidas, mas aproveita o ensejo para divulgar o “órgão próprio para Igreja” e os pianos fortes “em conta” disponíveis em sua loja.

Os credores do falecido *Diogo Wood* são requeridos a apresentar sua conta a *Alexandre Mac Grouther*, rua do *Ouvidor*, N. 64, por ser nomeado pelo *Consul Britânico*, Administrador dos bens do falecido, pagarão a importância de suas dívidas ao dito Administrador; em casa do mesmo se acha à venda um órgão próprio para Igreja e pianos fortes em conta (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1815).

Meses depois, em 20 de abril de 1816, novamente teremos um exemplo que corrobora, por um lado, a condição da Rua Direita como polo do comércio musical do período no Rio de Janeiro, e, por outro, reitera a venda de artefatos vinculados aos pianos fortes ingleses no Brasil daquela época: “Na rua *Direita* na loja N. 13 defronte da Igreja da *Cruz*, se acham encordoaduras completas para Pianos fortes, chegadas ultimamente de *Inglaterra*” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1816c).

No ano seguinte, em 1º de fevereiro de 1817, a *Gazeta do Rio de Janeiro* nos revelará o nome daquele que talvez tenha sido o mais importante comerciante inglês ligado à música nestas duas primeiras décadas do Brasil Oitocentista: **John Ferguson**.

João Ferguson, Inglês de nação, vindo de *Londres*, participa ao público que tem para vender uma porção de pianos fortes, e também uma porção de rabecas, e com as suas competentes encordoações, e um bom órgão para qualquer Igreja, e é mestre de afinar pianos e órgãos pelo preço mais moderado; e qualquer pessoa que o precise pode procurar na rua de *S. José*, N. 9 ou 10 (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1817g).¹³

Mais de dois anos depois, o comerciante inglês volta a anunciar - agora em novo endereço - instrumentos musicais em uma edição da *Gazeta*: “*J. Ferguson* na rua da *Quitanda* N. 93, tem para vender

¹³ O anúncio foi repetido um mês e meio depois, no dia 15 de março (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1817h). Na ocasião, o conteúdo apresentou pequenas alterações: “pianos fortes muito modernos” e “porção de rabecas e solfas”. Note-se que, aos poucos, outros instrumentos musicais que não os de teclas passaram a ser incluídos nos anúncios do gênero. É o caso, neste exemplo, da rabeca. A diversidade de instrumentos musicais ofertados também foi um fator que colaborou para a consolidação, neste período, das primeiras lojas de música no Brasil.

uma porção de pianos fortes, e fortes pianos, chegados recentemente, e de diversos autores” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1819e).

Diferentemente do que ocorrera no reclame anterior, quando anunciou artefatos musicais diversos, Ferguson concentra a propaganda exclusivamente nos pianos fortes/ fortes pianos. A informação decisiva consiste no fato do negociante atribuí-los a “diversos autores”, já que, como vimos, até então predominavam os fabricantes ingleses da marca *Broadwood and Sons*.

De fato, logo no início do ano seguinte, um novo anúncio do inglês reitera o fato de que outros construtores começavam a ocupar espaço no comércio musical do Rio de Janeiro, antes dominado majoritariamente pelos instrumentos de *Broadwood*. Em 08 de janeiro de 1820, o comerciante oferece ao público “uma nova partida de pianos chegados de próximo do melhor autor, que se intitula *G.me Stodart*, aprovado por todos os melhores autores mestres em música; e o mesmo promete ter sempre bom sortimento de pianos e mais instrumentos” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1820d). Membro de uma tradicional família de construtores, Stodart teve estreito contato com Broadwood, de quem possivelmente foi aprendiz durante pelo menos três anos¹⁴.

Meses depois, em 20 de setembro de 1820, Ferguson volta a oferecer ao público carioca “pianos fortes e fortes pianos do melhor autor, chegados novamente de Londres, de todas as qualidades, assim como de todos os instrumentos sortidos, na casa n. 13, na rua dos Latoeiros, e na rua da Quitanda n. 93” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1820e). Este último reclame não somente corrobora a circulação dos pianos *Stodart* no Rio de Janeiro da época, como demonstra que, apesar das teclas representarem o bojo de suas propagandas, o inglês continuamente importava e revendia outros instrumentos musicais. O exemplo ainda nos revela que Ferguson negociava em dois endereços: o de sua loja (Rua da Quitanda n. 93) e o de sua casa (Rua dos Latoeiros n. 13), um fato comum aos comerciantes de maior expressão nestas primeiras décadas do Rio Oitocentista.

Como se nota até aqui, há uma prevalência de comerciantes e artefatos ingleses nos anúncios. Reverberando o fato de que, a partir de 1808, a abertura dos portos luso-brasileiros favoreceu comercialmente sobretudo a Inglaterra, negociantes deste país mudaram-se para o Brasil e despontaram como os pioneiros proprietários de estabelecimentos com caráter exclusivamente ou predominantemente musical. Como consequência deste processo, é possível sugerir que o inominado

¹⁴ Na *Enciclopédia* sobre o Piano editada por Robert Palmieri, encontramos a seguinte descrição sobre a tradição da família Stodart em construir pianos: “O nome Stodart representa uma distinta família inglesa de inventores e fabricantes de piano que atuaram em Londres de 1775 a 1862. O fundador foi Robert (1748-1831), acompanhado por seu irmão Matthew (fl. 1822), e membros-chaves foram seu filho William (fl. 1792-ca. 1838) e Malcolm, o filho de William. A dinastia acabou com a morte de Malcolm Stodart na década de 1860” (PALMIERI, 2003, [s.p.]). Citando David Wainwright, a nota enciclopédica ainda afirma que “tendo pouco dever, e consequentemente muito prazer, ele [Robert Stodart] tornou-se aprendiz de John Broadwood por três anos”, sugerindo ainda que Robert deveria ter um grande talento para construir pianos (PALMIERI, 2003, [s.p.]).

proprietário da loja da Rua dos Pescadores N. 4, além de Alexandre Mac Grouther, Diogo Wood e John Ferguson, tenham sido alguns dos principais ingleses atuantes no comércio musical do Brasil nas duas primeiras décadas do século XIX.

3.2 *Os franceses contra-atacam...*

Como já observado antes, os artefatos franceses também circularam com considerável afluência nas maiores cidades brasileiras do período, sobretudo a partir de 1816. Em síntese, pode-se inferir que as mercadorias inglesas e francesas disputaram com mais vigor o nascente e crescente mercado consumidor luso-brasileiro. De quinquilharias a roupas de luxo, os anúncios nos revelam que os artigos destas duas nacionalidades pouco a pouco se embrenhavam no cotidiano prático e simbólico dos habitantes que circulavam em terras brasileiras, em um movimento que encetou, inclusive, antes mesmo da chegada da Família Real (CARDOSO, 2006). Este processo se acentua com a elevação do Estado do Brasil (1621-1815), até então uma colônia portuguesa, à condição de Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, fato que se consumou em 16 de dezembro de 1815 e conferiu à corte do Rio de Janeiro o status de capital do império.

As mercadorias musicais também estiveram no bojo de tal processo e contexto. Se, por um lado, comerciantes como Mac Grouther e Wood foram os primeiros ingleses a abrir estabelecimentos com perfil musical, por outro, os armazéns franceses do gênero não tardaram em rivalizá-los. Na edição da *Gazeta* de 13 de novembro de 1816, por exemplo, uma loja localizada à Rua Mãe dos Homens, n. 32, anuncia “um grande sortimento de música novamente chegada da França, dos melhores autores, para instrumentos de todas as qualidades e para cantoria; entre a qual também se acha muita diversidade de obras instrutivas para os mesmos” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1816d). Na nota, estão ausentes os itens não musicais (“fazendas” e/ou “trastes”, no linguajar da época), o que instila a possibilidade desta casa ter sido exclusivamente dedicada à música.

No ano seguinte, em 25 de outubro de 1817, a *Gazeta* nos apresenta uma dupla de comerciantes franceses que, neste período, atuaram no Brasil importando mercadorias francesas de todo o gênero, especialmente no campo das artes: **Gadet e Fallason** (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1817i). Com armazém localizado à Rua Direita n. 55, os negociantes voltam a anunciar em 06 de dezembro de 1817, quando, ao lado de armas, lamparinas, louças, cristais, itens de papelaria e perfumaria, ratificam a oferta de “tudo que pertence ao luxo e às artes” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1817j). Todavia, será apenas em 21 de outubro de 1818 que a dupla de comerciantes franceses irá mencionar nominalmente instrumentos, partituras e artefatos musicais dentre os itens disponíveis em seu estabelecimento.

Gadet e Fallason, morador[es] na rua *Direita* N. 55, fazem saber aos curiosos das artes, que receberam modernamente de *Paris* um sortimento de violas de diferentes preços, com cordas para viola, rebeca e forte piano, assim como todas as peças de música nova dos melhores Mestres *Italianos, Alemães e Franceses*; e igualmente papel pautado para escrever música, tudo vindo das fábricas mais famosas daquela Capital (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1818e).

Do anúncio, depreendem-se algumas questões:

- (1) Gadet e Fallason estão entre os primeiros comerciantes de música que quebram a supremacia dos pianos fortes nos anúncios de nossos periódicos pioneiros. No reclame, estão listados materiais não somente para teclas, mas também para violas e rabecas, instrumentos que, ao lado da flauta, apresentaram grande circulação no bojo sociocultural do período;
- (2) a nota informa que, embora o material tenha advindo “das fábricas mais famosas” de Paris, os autores das partituras eram os “melhores mestres italianos, alemães e franceses”, o que demonstra que a produção musical de diferentes centros europeus já circulava no Brasil em princípios dos Oitocentos;
- (3) Observe-se a recorrência da Rua Direita como hospedeira de lojas que, de modo direto ou indireto, tinham ligação com o comércio de música do período.

Aliás, dez dias depois, o logradouro será novamente aludido, desta vez como ponto de referência da loja de Manoel Luiz Soares: “*Manoel Luiz Soares*, com loja na rua do *Rosário* da rua *Direita* para baixo lado direito N. 15, tem para vender violas *Francesas* de acompanhamento de muito bom gosto, e um sortimento de encordoamentos de piano e rebeca, tudo da melhor qualidade” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1818a).

Da nota, destacam-se outros três fatores: tal qual no anúncio anterior, há reincidência na venda de cordas para piano e rebeca; é um novo exemplo da Rua Direita como matriz do comércio musical do período; e finalmente destaca-se a alusão às “violas francesas”, sendo esta a primeira vez que tal termo - amplamente difundido nos anos/décadas seguintes - é utilizado na imprensa brasileira. Pontue-se ainda que as violas de “muito bom gosto” foram descritas como instrumentos “de acompanhamento”, o que sugere que a função solista ainda não era uma realidade para os cordofones de cordas dedilhadas que circulavam no Rio de Janeiro da época. A par disso, ressalte-se a incidência de mais um estabelecimento musical negociando instrumentos franceses na corte carioca.

Até o início da década de 1820, por fim, também levantamos anúncios de estabelecimentos musicais que não nos deixam perceber a procedência dos proprietários ou dos artigos ofertados. Pela localização - “defronte ao *Real Teatro*” -, talvez o caso mais emblemático seja o da loja alocada na casa n. 08 do Largo do Rocio, na qual se vendia “música e toda a qualidade de instrumentos por preços cômodos” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1820f).

Em síntese, estão concentrados abaixo, na Tab. 3, os 19 exemplos de lojas que detinham exclusivo ou predominante caráter musical e que atuaram no Rio de Janeiro entre 1808 e 1821. Não

foram encontrados casos do gênero nos periódicos *Idade d'Ouro* (BA) e *Correio Braziliense* (Londres).

Loja de Música/ Comerciante	Nacionalidade	Endereço	Itens musicais	Referência no Periódico/ data
Anônimo	Inglesa “de Londres”	Rua dos Pescadores n. 04, Rio de Janeiro	Pianos fortes e Grandes pianos “de Londres”	(GRJ, Ed. 11/1813: 4)
Alexandre Mac Grouther	Inglesa	Rua do Ouvidor n. 64, Rio de Janeiro	Pianos fortes, 2 Grandes pianos 1 órgão	(GRJ, Ed. 71/1814: 4)
Diogo Wood	Inglesa	Rua Direita n. 12, Rio de Janeiro	Pianos fortes, harpas, outros instrumentos	(GRJ, Ed. 93/1814: 4) (GRJ, Ed. 95/1814: 4)
Alexandre Mac Grouther	Inglesa	Rua do Ouvidor n. 64, Rio de Janeiro	Pianos fortes, 1 órgão “próprio para Igreja”	(GRJ, Ed. 62/1815: 4)
Anônimo	Inglesa	Rua Direita loja n. 13, Rio de Janeiro	Cordas para pianos fortes	(GRJ, Ed. 32/1816: 4)
Anônimo	Francesa	Rua Mãe dos Homens n. 32, Rio de Janeiro	Métodos e partituras p/ canto e instrumentos	(GRJ, Ed. 91/1816: 4)
John Ferguson	Inglesa	Rua de S. José n. 9 e n. 10, Rio de Janeiro	Pianos fortes, rabecas, cordas, 1 órgão para Igreja	(GRJ, Ed. 10/1817: 4)
John Ferguson	Inglesa	Rua de S. José n. 9 e n. 10, Rio de Janeiro	Pianos fortes, solfas, rabecas, cordas, órgão	(GRJ, Ed. 22/1817: 4)
Anônimo	Inglesa “de Londres”	Rua dos Pescadores n. 04, Rio de Janeiro	Pianos fortes de “F. Broadwood Sons”	(GRJ, Ed. 24/1817: 4)
Gadet e Fallason	Francesa	Rua Direita n. 55, Rio de Janeiro	“tudo que pertence ao luxo e às artes”	(GRJ, Ed. 86/1817: 4) (GRJ, Ed. 98/1817: 4)
Gadet e Fallason	Francesa, vendia tb partituras ita-lianas e alemãs	Rua Direita n. 55, Rio de Janeiro	Violas, partituras, cordas para viola, rabeca e f. piano	(GRJ, Ed. 84/1818: 4)
Manoel Luiz Soares	Portuguesa ou luso- brasileira	Rua do Rosário n. 15, Rio de Janeiro	Violas francesas, cordas para piano e rabeca	(GRJ, Ed. 87/1818: 4)
Anônimo	Inglesa “de Londres”	Rua dos Pescadores n. 04, Rio de Janeiro	Pianos fortes de Broadwood	(GRJ, Ed. 55/1819: 4)
John Ferguson	Inglesa	Rua da Quitanda n. 93, Rio de Janeiro	Pianos fortes e fortes pianos de diversos autores	(GRJ, Ed. 92/1819: 4)
John Ferguson	Inglesa	Rua da Quitanda n. 93, Rio de Janeiro	Pianos de Gme. Stodart	(GRJ, Ed. 03/1820: 4)

---	---	Largo do Rocio n. 8, “Defronte ao Real Theatro” (RJ)	“música e toda a qualidade de instrumentos”	(GRJ, Ed. 55/1820: 4)
John Ferguson	Inglesa “de Londres”	Rua da Quitanda n. 93 e Rua dos Latoeiros n. 13	Pianos fortes, for- tes pianos, instru- mentos sortidos	(GRJ, Ed. 76/1820: 4)

Tab. 3: 19 lojas/comerciantes de música atuando no Rio de Janeiro entre 1808-1822

Em suma, a caracterização e distinção destas três modalidades de comércio musical - *Livrarias*, *Lojas de variedades* e *Lojas musicais* - através de mais de 50 exemplos (parte dos quais inéditos) retirados dos pioneiros periódicos *Gazeta do Rio de Janeiro* e *Idade d'Ouro*, bem como a identificação, com isso, das possíveis dinâmicas, particulares e gerais, que envolveram as negociações em torno da música nas primeiras décadas do século XIX, constitui-se na contribuição deste artigo para uma melhor compreensão do comércio musical praticado no Brasil do período.

Agradecimentos

Ao Núcleo de Pesquisa da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), pela bolsa que permitiu o mapeamento de 50 anos de atividades musicais na imprensa brasileira Oitocentista. À Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pela concessão da licença de pós-doutorado que vem possibilitando o paulatino aprofundamento dos resultados.

Referências

AMORIM, Humberto. *Três modalidades de comércio musical nas primeiras décadas do Brasil Oitocentista: (1808-1821): anúncios particulares, leilões e rifas*. Revista Vórtex, Curitiba, v. 5, n. 1, 2017, p. 1-22.

CARDOSO, Lino de Almeida. *O Som e o Soberano: uma história da depressão musical carioca pós-Abdicação (1831-1843) e de seus antecedentes*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em História Social. São Paulo, 2006.

CARVALHO, Amanda Lima dos Santos. *O Rio de Janeiro a partir da chegada da Corte Portuguesa: Planos, Intenções e Intervenções no século XIX*. In: PEIXOTO, Elane Ribeiro; DERNIL, Maria Fernanda; PALAZZO, Pedro Paulo; TREVISAN, Ricardo (Orgs.) *Tempos e escalas da cidade e do urbanismo: Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. Brasília, DF: Universidade de Brasília- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2014. Disponível em: <
<http://www.shcu2014.com.br/content/rio-janeiro-partir-da-chegada-da-corte-portuguesa-planos-intencoes-e-intervencoes-no-seculo> >

FRIDMAN, Fania. *Judeus-franceses no Rio de Janeiro do Século XIX*. In: DE LUCA, Tania Regina; VIDA, Laurent (orgs.). *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 175-190.

GERSON, Brasil. *História das Ruas do Rio*, 5ª Ed. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2000.

PALMIERI, Robert. *Piano: An Encyclopedia*. 2ª ed. Routledge: New York and London, 2003.

PEREIRA, Mayra C. O comércio de instrumentos musicais no Rio de Janeiro no início do século XIX: um olhar através dos anúncios de jornais. In: *II Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música*, n. 2, 2012. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, 2012.

_____. *A Circulação de instrumentos musicais no Rio de Janeiro – do período colonial ao final do primeiro reinado*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes. Rio de Janeiro, 2013.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Periódicos (58 anúncios)

DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, 20 mar. 1828, p. 1

GAZETA DO RIO DE JANEIRO, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 01, 01 jan. 1812a, p. 4.

_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 48, 13 jun. 1812b, p. 4.

_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 17, 26 fev. 1812c, p. 4.

_____, Ed. Extraordinária, Rio de Janeiro, 06 abr. 1812d, p. 4.

_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 11, 06 fev. 1813, p. 4.

_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 65, 13 ago. 1814a, p. 4.

_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 71, 03 set. 1814b, p. 4.

_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 93, 19 nov. 1814c, p. 4.

_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 95, 26 nov. 1814d, p. 4.

_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 62, 05 ago. 1815, p. 4.

_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 91, 13 nov. 1816a, p. 4.

_____, Rio de Janeiro, Ed. 85, 23 out. 1816b, p. 4.

_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 32, 20 abr. 1816c, p. 4.

_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 91, 13 nov. 1816d, p. 4.

_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 10, 01 fev. 1817a, p. 4.

_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 07, 22 jan. 1817b, p. 4.

_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 25, 26 mar. 1817c, p. 4.

_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 08, 25 jan. 1817d, p. 4.

_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 32, 19 abri. 1817e, p. 4.

_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 24, 22 mar. 1817f, p. 4.

_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 10, 01 fev. 1817g, p. 4.

_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 22, 15 mar. 1817h, p. 4.

_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 86, 25 out. 1817i, p. 4.

_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 98, 06 dez. 1817j, p. 4.
_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 87, 31 out. 1818a, p. 4.
_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 46, 10 jun. 1818b, p. 4.
_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 73, 12 set. 1818c, p. 4.
_____, Rio de Janeiro, Ed. 81, 10 out. 1818d, p. 5-6.
_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 84, 21 out. 1818e, p. 4.
_____, Avisos, Rio de Janeiro, 29 mai. 1819a, p. 4.
_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 12, 10 fev. 1819b, p. 4.
_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 70, 01 set. 1819c, p. 4.
_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 55, 10 jul. 1819d, p. 4.
_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 92, 17 nov. 1819e, p. 4.
_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 43, 27 mai. 1820a, p. 4.
_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 82, 11-10-1820b, p. 4.
_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 86, 25 out. 1820c, p. 4.
_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 03, 08 jan. 1820d, p. 4.
_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 76, 20 set. 1820e, p. 4.
_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 55, 08 jul. 1820f, p. 4.
_____, Avisos, Rio de Janeiro, Ed. 28, 07 abri. 1821, p. 4.

IDADE D'OURO, Avisos, Bahia, Ed. 50, 06 dez. 1811a, p. 4.

_____, Avisos, Bahia, Ed. 02, 17 mai. 1811b, p. 4.
_____, Avisos, Bahia, Ed. 06, 21 jan. 1812, p. 8.
_____, Bahia, 05 ago. 1814, p. 2-3.
_____, Avisos, Bahia, Ed. 67, 20 ago. 1816a, p. 4.
_____, Avisos, Bahia, Ed. 100, 12 dez. 1816b, p. 4.
_____, Avisos, Bahia, Ed. 03, 10 jan. 1817a, p. 4.
_____, Avisos, Bahia, Ed. 38, 16 mai. 1817b, p. 4.
_____, Bahia, Ed. 54, 07 jul. 1818a, p. 5-7.
_____, Avisos, Bahia, Ed. 86, 30 out. 1818b, p. 4.
_____, Avisos, Bahia, Ed. 81, 06 out. 1818c, p. 5.
_____, Avisos, Bahia, Ed. 53, 03 jul. 1818d, p. 4
_____, Avisos, Bahia, Ed. 52, 29 jun. 1819a, p. 5.
_____, Avisos, Bahia, Ed. 17, 26 fev. 1819b, p. 4.
_____, Bahia, Ed. 91, 11 nov. 1822, p. 3-4.

JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, Ed. 391, 19 jan. 1829, p. 2.